

Ensino de história do teatro na escola: das propostas aos meios

Mariana Silva Oliveira
PPGAC/UNIRIO (doutoranda)
Processos cênicos em educação / Orientadora: Prof^ª. Elza de Andrade
Mestre (PPGAC/UNIRIO)
Bolsista CAPES
Professora do CAp-UERJ

Resumo: Abordar a história do teatro na escola pode revelar-se prática frutífera: oferece-se ao aluno uma perspectiva de seu fazer, e também se lhe oferece uma visão alargada do fenômeno teatral, suas diversas e cambiáveis possibilidades. O pensamento acerca do teatro na educação tem apontado para essa direção. Diretrizes oficiais de ensino estruturam-se na proposta triangular apoiada no tripé fazer-apreciar-contextualizar. A realização dessa ideia, porém, esbarra em dificuldades, tais como a carência de materiais didáticos apropriados à faixa etária e/ou à manipulação na própria sala de aula, o que facilitaria a conexão entre os três eixos citados. A partir dessa questão, desenvolve-se a pesquisa de doutorado “*Ensino de história do teatro na escola: das propostas aos meios*”, apresentada neste artigo.

Palavras-chave: história do teatro, teatro na educação, materiais didáticos, imagem, iconografia teatral.

Minha trajetória como professora de Teatro na educação básica, iniciada há cinco anos, trouxe-me questões acerca das possibilidades de ensino de história do teatro. A abordagem desse tema em sala de aula mostrou-se interessante e produtiva, trazendo aos alunos uma perspectiva de seu fazer e alargando sua visão do fenômeno teatral. No Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ), onde lecionei por dois anos, a experiência foi de tal sorte intensa que culminou com o *Projeto Shakespeare*, realizado no ano de 2007 em parceria com a professora Andrea Pinheiro e relatado em artigo publicado na revista *O Percevejo*¹. De lá para cá, a continuidade do trabalho no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ), onde sou professora efetiva, fez surgirem novos desafios e ideias que conduziram, afinal, à elaboração do projeto de pesquisa de doutorado “*Ensino de história do teatro na escola: das propostas aos meios*”.

A motivação para a abordagem da história do teatro em sala de aula está ligada a recentes tendências do ensino da arte que procuram entendê-la como área de conhecimento possuidora de conteúdos específicos a serem trabalhados. Tal visão está bem explicitada na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, segundo a qual história da arte, leitura da obra de arte e fazer artístico confluem para o conhecimento da arte pelo aluno:

¹ Para conhecer a experiência realizada, ler o artigo “‘Projeto Shakespeare’: uma abordagem lúdica da história do teatro”, que publicamos na revista *O Percevejo On-line* Vol. 1, N^o. 2 (2009). Ver o site <http://www.unirio.br/percevejoonline/>

Quando falo de conhecer arte falo do conhecimento que nas artes visuais se organiza inter-relacionando o fazer artístico, a apreciação da arte e a história da arte. Nenhuma das três áreas sozinhas corresponde à epistemologia da arte.

O conhecimento em artes se dá na interseção da experimentação, da decodificação e da informação (BARBOSA, 2005: 31-32).

Ana Mae elabora esse pensamento sob influência do *Disciplined-Based-Art-Education* (DBAE), movimento norte-americano em sintonia com as novas vertentes da arte/educação que, a partir da década de 1980, começaram a operar transformações práticas (Barbosa, 2005). Essas vinham a se contrapor à concepção vigente do ensino da arte como livre e auto-expressão, vinculada, por sua vez, a movimentos anteriormente inovadores, que haviam tido, na primeira metade do século XX, importante papel na ruptura com a abordagem tradicional tecnicista centrada no professor e baseada na reprodução de modelos. Com o tempo, porém, o que era novidade mecanizou-se, perdendo o sentido inicial e esvaziando o ensino artístico na escola (PCN-Arte, 1998: 21-22).

Além disso, é importante observar que a própria ideia de arte como livre e auto-expressão é histórica e filia-se a visões românticas da arte como expressão individual do sentimento do artista e a preocupações quanto à preservação na criança de sua inocência original, na esteira rousseauiana. O modernismo também veio a fortalecer a livre-expressão por meio de ideais de originalidade e criatividade. Desenvolver a sensibilidade, entendido apenas como liberação da emoção, foi na maior parte do século XX a tônica entre os objetivos do ensino de arte (SOUCY, LUCIE-SMITH, BARBOSA, 2008).

Tal objetivo, entretanto, mostra-se hoje um tanto vago. Outras exigências colocam-se quando passamos a encarar a arte como área de conhecimento. Ana Mae acredita que a escola deve propiciar a democratização do acesso aos códigos da arte e buscar um “equilíbrio entre as duas teorias curriculares dominantes” (Barbosa, 2005:35), referindo-se àquela centrada nas necessidades da criança e à outra, nas das disciplinas. Assim, a Proposta Triangular pode ser inscrita na “vertente educacional realista-progressista, em consonância com a proposta de Paulo Freire” (Leão, 2003:2). Sua mola propulsora está na busca da democratização da informação e da oferta de meios para o desenvolvimento da sensibilidade artística, por meio da experimentação, da leitura de obras e também do conhecimento histórico. No centro dessa ideia está a preocupação apresentada por muitos professores:

Considerar tanto a arte como linguagem quanto o papel de processos de pensamento na sua compreensão é fundamental para um projeto democratizante no ensino da arte (PENNA e ALVES, 2001).

A desmistificação da arte e de seus processos ajuda a democratizar o acesso a ela, ao invés de preservá-la num lugar de privilégio e distinção.

Seguindo essa linha de raciocínio, a presença da Proposta Triangular nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte representa um avanço, ainda que seja necessário, em relação aos documentos oficiais como um todo, discutir diversos pontos de seu processo de construção: ocorreu no contexto de uma reestruturação educacional orientada por organismos internacionais e marcada por exigências de produção e eficiência neoliberais; realizou-se sem que se fizesse uma ampla discussão justamente na comunidade escolar, a entidade mais interessada no assunto. Remeto, assim, apenas a duas de muitas questões já levantadas de modo mais abrangente (cf. Fonseca, 2001). Quanto à última problemática citada, acredito que a elaboração das *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006), após a realização de seminários regionais e um nacional que buscaram responder a demandas de discussão sobre os PCN, tenha vindo na tentativa de reavaliar e promover ajustes nos documentos. Encontramos lá a preocupação com a falta de bases materiais para o trabalho do professor e com o risco de redução da Aprendizagem Triangular a práticas tradicionais e tecnicistas, fazendo o ensino da arte regredir, por exemplo, à reprodução de modelos.

Já em 2001, o Grupo Integrado de Pesquisa em Ensino de Artes da Universidade Federal da Paraíba apontava, em publicação dedicada à análise das propostas dos PCN-Arte, seus nós e contradições, tais como as marcas da visão romântica da arte presentes em sua fundamentação e as dúvidas acerca da aplicabilidade da orientação. No tocante a esse último assunto, há “muitas incertezas a respeito das condições materiais e humanas para a efetiva implementação das propostas dos PCN” (Penna, 2001:13). Em termos de recursos materiais, acredito que a carência de suportes didáticos apropriados para as faixas etárias dos alunos da educação básica e para o manuseio na própria sala de aula, o que facilitaria a articulação entre os três eixos norteadores da aprendizagem (produzir, apreciar e contextualizar, conforme disposto nos documentos), representa uma parte das dificuldades encontradas pelos professores. Muitos buscam, então, criar seu próprio material didático.

No meu caso, em termos de materiais didáticos, elaborei inicialmente apresentações em transparências e *Power-Point* contendo diversos gêneros de imagens, desde documentos históricos (pinturas de vasos, máscaras, estatuetas, bustos, fotografias de espaços teatrais) até desenhos que procuravam abordar de maneira lúdica temas da história do teatro, como a história de *Édipo Rei*, de Sófocles, e de *Plutus*, de Aristófanes, essa última desenhada por meus alunos (v. Imagem 1).

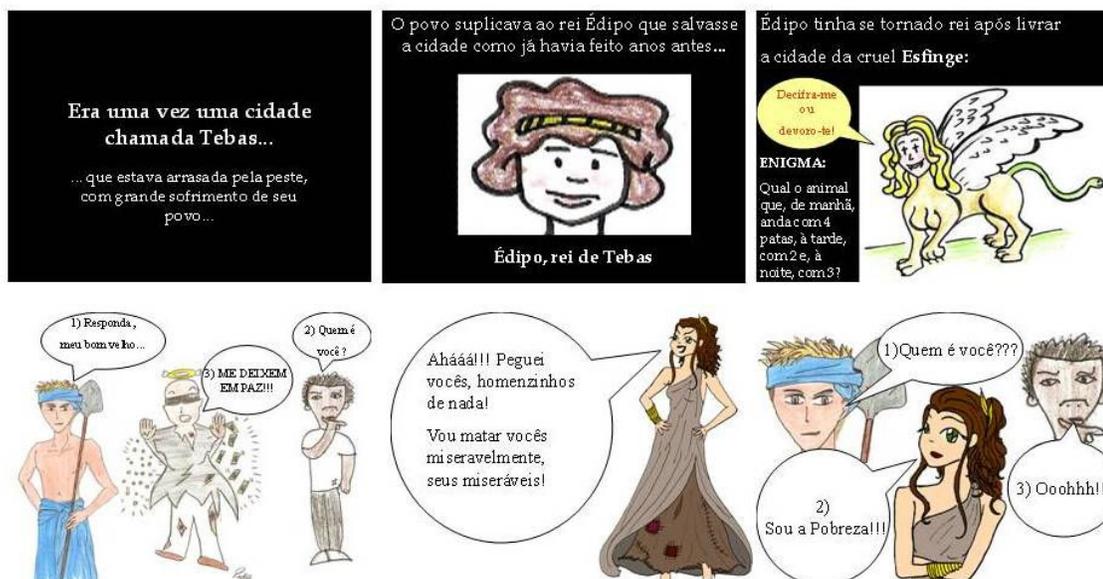


Imagem 1 – Slides de Power-Point. Os três de cima são o início da história de *Édipo-Rei*, de Sófocles (desenhos Nayara Abreu, licencianda no CAP-UFRJ em 2006); os três de baixo são parte de *Plutus*, de Aristófanes (desenhos de Fábio Nóbrega, Pedro de Melo, Paulo Abreu e Ingrid Luz, alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do CAP-UERJ em 2008)

Passei também a exibir trechos de filmes e a utilizar um *blog*, postando imagens e breves textos. A marca dos materiais criados revelou-se a utilização do recurso visual, cujo potencial em sala de aula acredito ser riquíssimo. Vale, aqui, uma consideração sobre a relação da imagem com as transformações pelas quais vem passando a própria escrita da história do teatro.

Se, por longo tempo, a historiografia teatral permaneceu centrada no texto, mais recentemente expandiu seu interesse, passando a abranger performance, cenário, arquitetura teatral, iluminação e outros elementos cênicos, aprofundando, assim, a distinção entre história do espetáculo e história do texto dramático (Vince, 2000). Tal processo de mudança impulsionou o surgimento de uma nova área de estudos: a iconografia teatral, consolidada nos anos 1990 (Aliverti, 2008). Por meio dela, as imagens de teatro ganharam autonomia, deixaram de ser meras ilustrações das afirmações contidas no texto, passando a serem fontes tão importantes quanto os documentos escritos.

O viés iconográfico, portanto, como novo campo de estudos da própria historiografia, parece-me oferecer-se também como fértil ferramenta para o ensino da história do teatro na escola. Mas não de maneira estanque, caindo na armadilha da “história do *slide*” (Barbosa, 2005:37). A pergunta que se coloca é: como a imagem teatral, potente para falar da história da cena, do espetáculo e da performance, pode auxiliar a abordagem da história do teatro na escola visando à articulação dos eixos do fazer, apreciar e contextualizar?

Essa questão norteará a experiência que realizarei em 2011 com alunos do 1º ano do Ensino Médio do CAp-UERJ. Na presente etapa da pesquisa, preparo subsídios para a experiência, tais como a montagem de um acervo de imagens de história do teatro. Ao mesmo tempo, finalizo experiência preliminar com a turma do 1º ano do Ensino Médio de 2010, cuja avaliação terá importante papel no planejamento das atividades do próximo ano.

Espero, assim, ter apresentado os principais pontos que concernem ao projeto de pesquisa “*Ensino da história do teatro na escola: das propostas aos meios*”, em fase de desenvolvimento e que busca investigar possibilidades de abordagem de história do teatro com ênfase na utilização de imagens e na articulação dos três eixos elaborados pela Proposta Triangular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIVERTI, Maria Inès. “Chercheurs d’images”. In DECLERCQ, Gilles e DE GUARDIA, Jean (orgs.). *Iconographie théâtrale et genres dramatiques - Mélanges offerts à Martine de Rougemont*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2008, p. 17-38.

BARBOSA, Ana Mae. “A importância da imagem no ensino da arte: diferentes metodologias” In *A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 27-82

_____. (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. SP: Cortez, 2008.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília : MEC / SEF, 1998.

FONSECA, Fábio do Nascimento. “Parâmetros Curriculares Nacionais: possibilidades, limites e implicações”. In PENNA, Maura (coord.) *É este o ensino de arte que queremos? – Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. João Pessoa: Editora Universitária, CCHLA, PPGE, 2001, p. 15-30.

LEÃO, Raimundo Matos de. “Apreciação da obra de arte: a proposta triangular” In *Revista de Educação CEAP*. Ano 11 - nº 43 - Salvador, dez/2003 (p. 55 - 65) acessado no endereço eletrônico http://www.ceap.org.br/publicacoes_edicao_anterior.htm, em 06/10/2010.

LUCIE-SMITH, Edward. “Arte moderna, História da Arte e crítica de Arte”. In BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. SP: Cortez, 2008, p.25-39.

PENNA, Maura. “Prefácio” In: PENNA, Maura (coord.) *É este o ensino de arte que queremos? – Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. João Pessoa: Editora Universitária, CCHLA, PPGE, 2001, p. 11-14.

____ e ALVES, Erinaldo. “Marcas do Romantismo: os impasses da fundamentação dos PCN-Arte”. In PENNA, Maura (coord.) *É este o ensino de arte que queremos? – Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. João Pessoa: Editora Universitária, CCHLA, PPGE, 2001, p. 57-80.

PINHEIRO, Andrea e OLIVEIRA, Mariana. “Projeto Shakespeare’: uma abordagem lúdica da história do teatro”. In *Revista O Percevejo On-Line*. Vol. 1, Nº. 2, 2009.

SOUKY, Donald. “Não existe expressão sem conteúdo”. In BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. SP: Cortez, 2008, p.40-51.

VINCE, R. W. “Theatre History as an Academic Discipline”. In POSTLEWAIT, Thomas. *Interpreting the Theatrical Past: Essays in the Historiography of Performance*. Iowa City: University of Iowa Press, 2000, p. 1-18.